



**FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura como arquivo da ditadura brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.**

Tanira Rodrigues Soares<sup>1</sup>

No Brasil, o período que compreende os anos de 1964 a 1985 caracterizou-se pela violência exacerbada e repressão política sem limites, tais como torturas, prisões, mortes, desaparecimentos e exílio. O tema ditadura militar integra a história brasileira e, embora as produções acadêmicas abordem a temática, é necessário que essa discussão não deslize para o esquecimento e acabe por impossibilitar um debate mais amplo capaz de envolver os mais variados segmentos sociais.

É com esse intuito que o livro *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* (2017), da professora Eurídice Figueiredo, emerge no cenário brasileiro, com uma abordagem que enfatiza a necessidade de lembrar e ressignificar essa experiência histórica que ceifou, mutilou e privou de liberdade pessoas que não compartilhavam dos mesmos ideais ditatoriais. Inseridas nesse contexto, as manifestações literárias apresentam uma significativa importância no processo de rememoração, uma vez que acessar o passado, requer atenção redobrada ao presente, pois é nele que serão sentidos os efeitos da rememoração (GAGNEBIN, 2014). Desse modo, destaca-se que o livro se apresenta aos leitores como uma obra que engloba em sua constituição reflexões sobre um passado histórico e seus desdobramentos no Brasil contemporâneo.

A obra é composta por quatro capítulos, sendo eles: *Os arquivos do mal: memória, esquecimento e perdão*; *A literatura sobre a ditadura: estratégias de escrita*; *K. de B. Kucinski: Kaddish por uma irmã desaparecida* e *Minha terra tem palmeiras... e me expulsaram de lá (Geração 1968)*. No primeiro capítulo são apresentados os pressupostos teóricos e o *corpus* de análise que delineiam a pesquisa, bem como o panorama da produção e arquivamento de documentos no Brasil desde o período ditatorial até 2016; já o segundo, estabelece o *corpus* literário, dividindo-o em três períodos: de 1964 a 1979, de 1980 a 2000 e de 2000 a 2016, evidenciando, desse modo, a expressiva quantidade de leituras empreendidas pela autora.

O terceiro capítulo centra-se na análise do romance *K.*, de Bernardo Kucinski, onde realidade e ficção entrecruzam-se de maneira exemplar e dialogam diretamente com os acontecimentos históricos da ditadura militar brasileira e, por fim, o capítulo em que a professora Eurídice narra sua experiência de vida diante do regime ditatorial brasileiro.

O livro tem uma estrutura com características interdisciplinares, pois envolve aspectos históricos, literários, jornalísticos e as escritas de si (testemunho), enfocando tanto a memória social, quanto a individual. Caracteriza-se como um “dossiê” disponível à consulta de todos, demonstrando que produções

---

<sup>1</sup> Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle. Doutoranda pelo mesmo Programa de Pós-Graduação. Email para contato: [tanira\\_soares@yahoo.com.br](mailto:tanira_soares@yahoo.com.br)

literárias se entrelaçam com memória, subjetividades e contexto histórico. A leitura permite visualizar uma luz ao fundo de um túnel que ainda persiste em manter-se no escuro, após anos transcorridos, pois o país ainda não conseguiu (re)elaborar esse período e enfrentar, julgar e punir com clareza os crimes e atos brutais praticados pelos detentores do poder em nome de um regime imposto.

Além de apresentar um panorama significativo da produção literária nacional com relação à ditadura, o livro emociona e encanta no seu capítulo final, pois é nele que a pesquisadora, e sujeito social, se revela e se desnuda frente a seus leitores, proporcionando um descortinar de informações pertencentes à esfera íntima e que estão diretamente relacionadas ao contexto histórico brasileiro.

Ao narrar suas inquietações e emoções que compreende o período vivido no exílio, bem como sua saída e posterior retorno ao país, a professora Eurídice encontra nas palavras opostas a forma de expressar o sentimento de dualidade, pois ama sua terra e, ao mesmo tempo, precisa abandoná-la como forma de preservar sua integridade física. No trecho “Meus anos de exílio foram doces, com uma trava amarga, era uma moça alegre sobre um fundo de angústia” (p. 160), evidencia-se esse sentimento “antitético” de dualidade. Ao mesmo tempo, a leitura revela uma humildade emocionante com relação à dimensão de seus escritos, quando enfatiza: “Minha narrativa não é épica” (p. 166), demonstrando que o desafio de escrever sobre esse período representou um retorno ao passado e à reflexão do quanto esses acontecimentos delimitaram sua trajetória de vida.

A leitura de *A literatura como arquivo da ditadura militar* (2017) permite uma identificação com a memória cultural estudada por Aleida Assmann (2011), no momento em que ressalta a necessidade de verificação das bordas, das entrelinhas, dos rastros, dos vestígios encobertos pela memória oficial. É preciso que a memória cultural, constituída na sensibilidade de percepção e na subjetividade dos escritores, transpasse e transborde os limites impostos pelos registros históricos, revelando aspectos que permanecem obscuros e encobertos, oportunizando uma revisão dos acontecimentos e (re)desenhando possibilidades de mudanças, por se entender que “[...] a escrita é uma das armas mais eficiente contra [...] o esquecimento” (ASSMANN, 2011, p. 195).

## Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2009.